

O SAPO

Scannario litterario e humoristico

REDACTORES: DIVERSOS

ANNO II

Redacção
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51

Curityba, 9 de Abril de 1899

Assignaturas
TRIMESTRE 3\$000
Pagamento adiantado

Nr. 15



Os teus olhos

Fas-te quando me fizeste
Jo teu amor?...

Ha alguns a vez primeira...
memoria, queve tão puro voto, prece
versos, não sincera affirmativa.
o mais do — o sentimento doce e
cousa. no livro de tu'alma — os teus
E a ...

... que ves o céu, o clarissimo crystal
anta o... estereeno retrata o céu em
ando seu brillantismo, seus mati-
duzeu sol, suas estrellas, seu luar,
raza os teus olhos reflectiram tudo
azulue esplen... no intimo da tu'al-
nev!

... E estes olhos de cor celeste eram
tão meigos, ás vezes, como os de uma
gançal!

... as quantas vezes os vi fascina-
spares, irresistiveis!...

... Sim, eram meigos si a tu'alma
rapidososa se compaencia de meus ma-
escas.

... am fascinadores, irresistiveis si
na' linguagem muda do olhar expri-
miam todo o teu grande amor!

... Sabes porque amo tanto os myo-
sotis do jardim? — E' porque me re-
cordam os teus olhos azues.

... Porque prefiro um anel com sap-
phira a outro com rubi, brilhante,
esmeralda ou outra qualquer pedra
preciosa? E' sómente porque a saphi-
ra tem a cor dos teus olhos!

... O céu — o proprio céu — porque a
minh'alma o deseja tanto, porque me
extasio a olhal-o á tarde quando o
cofação mais sente a miagoa das sau-
dadès?

... E' tambem sómente — porque o
céo tem a cor dos teus olhos!...

Brazilia Silva.

O Anniversario

Do «Sul de São Paulo.» Faxina:
«Entrou em segundo anno de pu-
blicação a brillante revista «O Sa-
po» de Curityba.

«O numero que temos em mão é
uma verdadeira preciosidade e
muito recommenda a adiantada mo-
cidade Paranaense.

«Ainda interminavel é o que deseja-
mos ao brillante collega.»

Do «Pharol» Paraty, Rio:
«O SAPO»

«Entrou em seu II anno de exis-
tencia no dia 6 do corrente, o nosso
excellente collega *O Sapo*, semana-
rio litterario e humoristico que se
publica na cidade de Curityba, Es-
tado do Paraná.

Dedica a sua primeira pagina dou-
rada de n.º 1 em homenagem a
Imprensa.

Pelicitamos o illustrado collega e
fazemos ardentes votos para que
continue por longos annos na cam-
panha da civilisação e do progresso,
de que é um dos mais emeritos pa-
ladinos.»

Da «Vida Valenciana.» Valença,
Bahia:

«Recebemos *O Sapo*, revista lit-
teraria que se edita em Curityba,
Paraná. Este numero que temos em
mão é commemorativo de seu 1º
anniversario. N' *O Sapo* não sabe-
mos o que mais admirar: se as joias
litterarias de que vem repleto, se a
belleza artistica que presidiu á sua
composição. Um numero precioso
este d' *O Sapo*.

«Desejando ao nosso collega todas
as felicidades de que é digno, agra-
decemos-lhe a fineza da visita.»

«O «Sapo» penhorado agradece aos
collegas, e aproveita a occasião para
enviar a distincta collega da Bahia,
os seus mais ardorosos emhoras pelo
seu anniversario, passado a 24 de
Março passado.

Explicação

Não podés comprehender o texto
santo, ris das palavras biblicas: em-
tanto não ha verdades mais limpidas
do que as que foram escriptas pelo
patriarcha do exodo.

Perguntas como poudes o Senhor
tirar das trevas a terra e os astros,
os astros principalmente, rutilos,
resplandescentes. Queres a explica-
ção do mysterio? cerra as paginas da
Biblia e mira o teu rosto no crystal
do espelho.

Teus olhos... O Chãos, de certo,
não era tão escuro. E' possivel que
exista maior treva?

Dize: já viste noite alguma com-
paravel ás tuas pupilas?

«Entanto, repara como scintillam,
vê quanta luz expandem.

Teus olhares, teus olhares... que
luz de astros ha mais fulgurante?

Se o meu amor arranca dos teus
olhostanta luz, porque duvidas de que
Deus houvesse do Chãos tirado o sol
das madrugadas e as estrellas das
noites?

Que maior treva queres, meu amor,
do que a dos teus olhos e que mais
astros queres do que as tuas lumino-
sas pupilas?

COELHO NETTO.



Beijo...de sogra

Manchei, acaso, as rosas do teu rosto,
Frescas como um vergel,
Quando outro dia, á hora do sol posto,
Ambos sós, eu servia te de encosto
No teu caramanchei?

Aquelle beijo que te dei, e ainda
Perfuma o labio meu,
Causou-te, acaso, essa tristeza infinda
Que desde então, — menos airosa e linda,
«Vejo em tudo que é teu?

Creio que sim...P'ra que te deu a telha!
Como podes, porém,
Condemnar o meu beijo, se, vermelha,
Me deste um outro que levou-me a orelha,
— Tal foi o teu desde então!...

Garrone

PEROLAS (26)

Modelo

Na claraboia azul do firmamento,
Quando desponta a aurora matutina,
Abre a flôr a corolla peregrina,
Como ao cerebro humano o pensamento.

O sonho acorda n'um deslumbramento,
E a phantasia nossa é como a ondina
Que ri, cantando uma illusôo divina
Na sonora cithara do vento.

O mar — vérbêra impetuosamente,
Como leão bramindo eternamente;
E eu, contemplando a universal grandeza,

Penso que tu, Mulher, foste o modelo
Deste exemplo real, profundo e bello
Do sublime painel da Natureza!

Enclides Plaisant



Prisioneiro

Coração! coração! Triste prisioneiro eterno! Vive constantemente a bater de encontro ás paredes do carcere que o encerra sem conseguir jamais uma sahida.

Dia e noite batalha. Prestando attenção ouvimos continuamente o ruido da faina do galé, continuamente ouvimos-o gemer e não nos commovemos, e não nos apiedamos.

Uma luz allumia o carcere trevo-so — é a alma, candeia sempre accesa, atirada a um canto da prisão para aclarar-a o aquecer-a: A's vezes pelos olhos como por duas luzernas entram raios de sol e o prisioneiro trabalha com mais animo, aquecido pela luz vibrante e tepida.

Levamos-o conosco a toda a parte — elle é que nos regula a marcha, elle é que nos determina tudo — o carcere obedece ao encarcelado.

Dentro do funesto asylo, acocorado a um canto do corpo — essa ignominia — o coração, como Sylvio Pellico, compõe as suas sandades, aproveitando todas as melancolias e e todas as amarguras.

A obra da humanidade é quasi toda devida ao triste prisioneiro.

Elle é o Prometheu da materia — um abutre, o amor, lacera-o de instante a instante e é do sangue que escorre das suas feridas que têm surgido as apparições meigas como Cordelia, mansas como Imogenia, languidas como Julieta, loucas, sentimentaes como essa harmonia dolente, nympha depois de morta, de-

pois de morta deusa — Ophelia, a victima encantadora da paixão sem o baptismo purificador do beijo.

* *

Entremos vagarosamente no carcere.

Ali, ao canto, o galé trabalha. Mais devagar! não o interrompamos. Parece que elle nada tem feito, parece que ainda não conseguiu vencer um ponto. Entretanto, ha um acervo enorme junto d'elle... quanta destruição! quanta cousa inutilizada! Nem era possivel que elle, batendo ha tanto tempo não conseguisse fazer alguma ruina.

Ha alisaudes, esperanças quebradas, illusões e illusões em mil pedaços... quanto amor destruido e que quantidade de crenças incineradas.

E elle continua a bater — o carcere resiste... a luta augmenta... é que a sentinella, no alto do torrão onde o pensamento habita, não tem tempo de embargar a entrada a tudo. A agonia, a dolorosa agonia que espreita o prisioneiro, desce como um lacrao e morde-o covardemente.

O misero, sentindo-se ferido geme e todo o carcere repercute o seu gemido, e para fugir ao venenoso inimigo, redobra de esforços, exaure-se e ás vezes fica banhado em copioso suor, tão copioso que quasi sempre rebenta em punhos pelos olhos.

A agonia sobe quando um raio de luz mais forte invade o carcere — o triste descansa então, parece que se recolhe um momento enquanto a alma visita a enxovia e seccando com o seu calor a humidade da lagrima.

Outras vezes, porem, está o desgraçado no seu trabalho eterno e alguém canta em torno do carcere — o emparedado escuta, deixa um instante de pensar na evasão, entrega-se todo á musica, dá-se inteiramente á cavatina.

E' o amor que passa, é o amor que o visita.

Agora, por exemplo, como o galé se humilha, como se achega á muralha da prisão, como procura a alma para allumiar a cova. Encolhido como está parece Caliban na breinha... Alguém que se approxime d'elle, alguem que o ouça. Ariel, o aereo, não cantava com mais doçura.

A musica que passa é a serenata do amor — é o que dá vida, é o que lhe dá força; outro prisioneiro conversa da sua jaula com elle; falam-se, a principio, rapidamente, approximando-se, estreitam a amizade e

ficam, como este agora, que não pôde trabalhar na sua cellula se ouvir o ruido do trabalho do out

Este levissimo som que vint ainda parece uma nota de cythara — é a descida da refeição no beijo; foi um beijo que desceu, para trazer alimento á victima... Como o forçado se anima, como se fortifica!

* *

Não ha perdão para elle.

Foi lavrada a sua sentença, de eterna carceragem. Perguntaram; — Como pôde viver o desgraçado preso na caphurna infecta do corpo? Vive sonhando, vive sonhando com o seu ideal, e é por isto que elle procura fugir, e é por isto que elle bate dia e noite incessantemente, desesperadamente nas fortes paredes do corpo, procurando abrir passagem para alcançar o seu sonho.

Mas não consegue. Em alguns minutos o preso cava profundamente na sensibilidade, em outros bate apenas sem conseguir arredar um ponto das muralhas.

Quando a fadiga o vence, o misero deita-se no seu leito de saudades e recorda-se do passado escuro, o triste passado de ancias e de desesperos, na ferruginea prisão onde vermina a melancholia.

Na hora da desesperança, já sem animo de continuar prisioneiro recolhe-se, suspende trabalho, e subito, com um topanga a la m-pada da enxovia — a — e deita-se para todo o sempre no carcere-tumulo, livre da nuqua, livre do amor, descancado e limo da a-nação obcecante do ideal.

COELHO NETTO.



As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais... outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada.

E á tarde, quando a rigida portada...
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Rullando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoadas...

Tambem dos corações onde abtoam,
Os sonhos, um por um, céteres voam
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescência as azas saltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...

Raymundo Corrêa

SONETOS (15)

Lazzarone

meiro transviado, pela estrada,
diferente a tudo, vai passando ;
bebe o olhar na esfera constellada
notas do violino modulando.

al madona da Arte decantada,
o Sontoso da Cigana se embalando,
urge-lhe á mente a Italia, a patria amada,
em seu golpbo se julga navegando...

gondola da creança a alma offegante,
uma um pharol, o facho do Vesuvio,
Napotes chamando-lhe distante...

Scisma, e dorme; e enquanto amargo effluvio
e nostalgia o engolpha — pária errante,
alvez sonhe uma estrella ao fado envio...

Cardona

Fidelidade do
juramento

— Fidelidade do juramento!

— Não seja esta a duvida, retor-
quiu a amante, e tal será elle, que ne-
humma mulher ousará violal-o. Sim!
juro pela existencia dos entes
estremeceros pelas cinzas vene-
radas dos maiores; juro pelo
azul ticeiro, e meus olhos, pela
neve doira, e minhas faces, pela
flor rubicunda, e meus labios!

— Tu a no meo vingador do meu
fukor de minhas pupilas, ex-
pallida rosa de minhas faces,
da flor dos meus labios, si vio-
lar o juramento solemne que faço
neste momento, a fronte repousada
em teu thorax, meus labios collados
aos teus labios!

Assim succedeu ao amal-a.

Breve tempo — ai d'elle! — durou
doce engano.

No dia seguinte, ella trahia o im-
pudentemente com um barytono de
um theatro de operetas.

— Perfida! perfida! exclamou a
victima banhada em lagrimas:

E ella, sobranceira:

— Não ha tal! Acaso precisei qual
promessa sagrada que contrahia?

— Que jurava hontem, a fronte repou-
ada em teu thorax, meus labios col-
ados aos teus labios...

— Era? interrogou o infeliz.

— Era, meu, caro, amar um outro!

CATULLE MEMDE'S.

...N'um copo
d'agoa

Se os leitores ainda não se esque-
ceram, lembram-se (de certo: como
o outro que diz, se minha bisavó,
não houvesse morrido...), lembram-
se de que, ha dias, pelas columnas do
Sapo, eu noticieei uma cousa que
até então porventura era ignorada,
— a existencia, nesta cidade, de
um club, cujo nome era esse e mais
um appendiculo, ou um rabo.

Agora vejo que aquillo foi uma
imprudencia minha, uma indiscri-
ção que quasi me valeu uma piza
formidanda.

Se não, acompanhem-me por este
artiguete abaixo.

Quando eu havia de suppor que
aquella ligeira noticia, em que não
havia a mais leve allusão a quem
quer que fosse, — quando eu pode-
ria julgar que aquellas poucas e
innocuas linhas iam levantar uma
procella temerosa de coleras e gri-
tos?

Pois levantaram; e eu não exagero
nem minto se disser que muita gen-
te levou a sua ira ao ponto de pre-
tender, — vejam lá que p'rgo! — de
pretender quebrar-me a cara...

Ainda bem que não passou da
pretensão. Ainda bem que não é
absoluta, mas relativa, a verdade da
maxima que diz: *querer é poder*.

E tambem não minto se disser que
os arrogantes dos manos não me
causaram o menor modo; só deram
logar á manifestação de um pheno-
meno vulgar, que as cousas irriso-
rias soem causar; explico-me: con-
vulcionaram-me fortemente os mus-
culos do riso...

O Raniel gostou da pilheria. Si-
mulou que se encommodara muito
com aquillo; adjectivou pouco abo-
natoriamente aquella *historia*, como
elle proprio disse; — mas pensam
os senhores que o diabo do Raniel
não ficou intimamente satisfeito,
calculando os proventos que, de fu-
turo, lhe adviriam d'aquillo?

Só do que elle não gostou foi de
o appellidarmos de poetaastro; aquil-
lo foi que não lhe soube bem. Ora,
se aquillo não lhe soube gratamen-
te, ha de por certo saber-lhe este
outro cognome — *poeta*.

Pois bem; o Raniel é um *poeta*.

Está agora satisfeito? Pois se não
está, desabafe-se de qualquer mo-
do: ou dando á lingua, ou distri-
buindo jacarandasadas.

BENJAMINUS.

Convites

Recebemos e agradecemos:

Do *Grupo Thalma*, de Antonina,
para assistirmos a estreia do drama
« Estella á Chiromante », levado á
scena n'aquella cidade no dia 4º do
corrente.

Do *Gremio das Violetas*, perfu-
mada cartinha com 3 violetas das
simples n'um dos cantos, nos convi-
dando para o sarau offerecido ao
Grupo dos Arriscadores, realizado
nos salões do *Club Curitybano*, no
dia 4 de Abril.

Visitas

« O Commercio » — Excelente an-
nunciador commercial, de Jaguarão,
contando IV annos de proveitosa pu-
blicação.

« O Leque » — Pequeno jornalsinho
critico e litterario, tambem de Ja-
guarão.

« Gazeta de Minas » — Importante
jornal da cidade de Oliveira; grande
formato, 13 annos de lutas.
Retribuimos.



Pelo Theatro

Mascotas não se fabricam, nas-
cem feitas. O mesmo acontece com
os poetas, muito embora já se conhe-
ça a excepção a regra...

Esta excepção é moldadinha por
uma aberração da natureza.

A Pilar, é mascota dotada de to-
dos os segredos e de mais alguns.
Dizemos isto porque aos nossos ou-
vidos ainda echoam as ovações sym-
pathicas de que foi alvo em as duas
noites da representação da sempre
nova zarzuela-comica — *La Mas-
cota*. E merecidas foram estas ova-
ções e de maiores ainda se fez digna
a fidalga artista, attendendo ao real-
ce com que interpretou o gracioso,
sympathico, attrahente, captivador,
etc. etc, papel de Betina.

O Sr. Rocca, não desmereceu o
conceito de que goza como bom co-
mico, pois trouxe a platéa em franca
hilaridade. — Nif-nif — Artigo I —

O Sottomayor, o Pipo da peça, o
duque de mocotó-alléluia, não teve
preguiça em mostrar a sua possante
voz.

Os jovens Santafés, *Escudér*, Ban-
dés, deram o seu recado.

A *estalua negra* das paixões
alheias em ambas as noites passou
por diversas transformações. . . .
Quando apresentou-se de *marmore*
estava, (justiça seja feita) des-lum-
brante!

* * *

LA CANELLITE

Zarzuela em 3 actos, representada com grande successo em Santa Fé de Bogotá.

Com proposito machavelico e superabundante, inserimos hoje o enredo heroico-comico da orchestrosa e ethica opera lyrica—buffa da lavra dos nossos preclaros e luzelectricados patricios Mané e Luiz Candido, condores alborecentes das alpinas e frondosas regiões etherias dos paramos dos Andes.

O que a peça é, o que de merito hyppico possui, todos poderão apreciar com a transubstanciosa, oxigenica e paulificadora transcripção que d'ella magistralmente fazemos. E si a palavra catónica, si o diapásão altisonante e surdino de quem rabisca a luminosidade phosphorescente e emmelada destes nephilibaticos requêjões littero-artísticos, não for o *quantum satis* (ou *satis*?) para causar enraçada convicção dynamicna na população amavel da nossa encantadora e sogresca beocia curyrbana, que leiam, pasmem, admirem e applaudam.

A zarzuela traz o symbolico e canonisante titulo «La Canellite» (ouza alias muito em moda e de bom tom em nossa enlameada e enciumada capital).

Tres actos, mas que actos! São actíssimos!! Leiam, pasmem, admirem e applaudam.

ACTO I

A acção se passa na Columbia, em Santa Fé de Bogotá, no anno ante final do seculo XIX (nos tempos das amoras e dos affensinhos).

O franco Sr. Pablo, ledor assiduo de la Fontaine, á la manière chineza, recostára-se a um banco de ameno jardim, proximo a uma veiga de boninas e a sombra espessa de secular carvalho.

Além, ao pé dos campos, lima um machado um esculapio joven e gothico, que odia rancorosa e adamascadamente as garras aduncas do John Bull—cão amestrado em vastas e cruentas conquistas que lembram as do mathematico e trigonometrico Conrado II, dos paizes equatorinaes da segmentada Germania.

Pablo ao ver o esculapio brada: Per la nuestra Señora de Assumpcion, no lo tengo bisto. Hay mucho que lo tengo unas chaves para d'arlo, pero usted cambia siempre de calle.

—Per mia santa fé que no la cambio la mia casa é la misma.

E flavam assim estas sonoras e soporíferas palavras quando appareceu um grupo de maridos a brigar com um cavalheiro amavel e valente.

—Bemvindo, Sr. Pablo e esculapio exclamaram. Poderá informar-nos onde se acha D. Nhadona?

—Com muito gosto. D. Nhadona está adentada.

—Adentada?

—Encanellada...

—?

—Sim, com dor...

—Condor? Onde o condor.

—Não, D. Nhadona está com dor de canella.

—Ah!

Um grupo de raparigas vem atraz dos maridos. Estão furiosas e perguntam-lhes:

O que fazem, lambisgoitas

O que fazem, lagartixas

Que não vão comer as boias?

Maridos (aparte) Que cara tem essas bichas!...

Uma mulher segurando o marido:

Direitinho para casa

Vamos sem mais tardar,

Quero cortar tuas azas

Antes que tentes voar.

Os maridos encaminham-se para sahir quando surge a deusa de seus olhares: vem trajada de luto com um vestido vermelho chamalotado de amarello e com listras e rendas cor do burro do Sr. Alcáide. Os maridos ficam lambidinhos da silva e deitam-lhe olhares alambicados e melcosos.

Um mais fraco suspira. Ai a...a...a...mor...

A mulher pergunta-lhe apressada:

—O que é isto? Onde estamos?

—Nada, não é nada. E'...é...a...a...

A...o que?

—A...mor...

—Atrevido.

—A morte... que me está aqui no lado esquerdo da 3ª unha do pé canhoto...

A mulher, afflicta, o abraça e o esculapio emprega com consciencia e com sciencia o seo saber. As mulheres acercam-se do marido enfermo e os homens aproveitam a confusão para deitar olhares assucarados e babar gemidos ternos para sua beita. As mulheres os surpreendem e ha um banzé de cuia.

(Cae o panno)

ACTO II

(A acção se passa na freguesia do Pilar)

Córo entoando Celeste hymn.

Os maridos e esposas estão em attitude de combate: aquellos armados de chinellos e estetas de cabos de vassouras.

A contenda começa e logo é suspensa e se faz preciso explorar e levantar a planta do terreno. De ambos os exercitos partem piquetes em busca de *profissionais* e os encontram. Um estava á sombra de uma oliveira e outro sob os galhos de uma pereira. O chefe do masculino exercito quer vencer como nas pugnas de Mario, onde não ha breu, nem polvora e sim arma branca; o contendor feminino quer imitar Octavio nas bellicosas e gloriosas façanhas.

Ao recomeçar a pelega o exercito feminino começa a desmaiar; cada soldada—um *Saniquito*.

Os maridos depõem as armas e procuram curar as caras metades. Um delles recorre a se que canella com clara de ovo, melco e azeite de dendê é infallivel remedio para nervos.

Uma mulher volta a si e geme: que dor!

—Canella, grita o marido.

—Cara de sapato furado, não é dor de canella. Bobô!

As mulheres se restabelecem e os maridos denunciam symptomas de nauseas. Aquellas haviam condimentado a sopa com forte dose de vomitorio, visando impossibilitarem os esposos de sahir de casa.

Entra uma linda mulher andaluza cantando e tocando as castanholas. Os homens não a podem festejar e contorcem-se todos.

As mulheres riem-se dos tregeitos que estes fazem e cantam o quarteto de um so...neto muito em voga em Guimarães:

São macacos

Careteiros,

Os velhaços,

Os bregeiros.

Os maridos enjoados cantarotam

Empeçonhados

Todos estamos,

Envenenados

Ai...ai...morramos

Mas si a saude

Voltar um dia,

Talvez se amilude

Nossa folia.

Havemos todos de amar ardentemente
As lindas damas meigas, salerosas
Com uma paixão mais densa e vehemente
Do que a que nutre os lyricos pelas rosas.

As mulheres respondem:

Ai, ai garotos!

Meos garotinhos

Verão que as rosas

Teem seus espinhos.

Os maridos correm a vomitar e as esposas metades os acompanham.

(Cae o panno)

ACTO III

O scenario representa uma... pastor. A paizagem é poetica... quadro descripto pelo bellicoso e maior Alexcar, immortal autor do immortredouro Guirany.

Na verde campina, com vestes de mori uma pessoa guarda as bezerras rochochuda que saracoteam e pasteam. O sol a pino.

O Pastor resta no centro do palco com formas repolhudas de uma vaporosa celestia. A seo pé uma mesa com papel mas sem envelopes denuncia que o pegureiro é um intellectual.

O pastor armado á correia afugenta ledes, que correm espavoridos.

Os maridos que tinham feito solemnes promessas ás suas caras metades de corrigirem-se inventam um passeio venatorio: apparecem em trajas de caçadores e armados de velhos trabucos enfierrujados...

Depois de muitas scenas burlescas e quixotescas, apparecem as mulheres alegres e victoriosas e cantam:

La canellite foi-se embora

Agora, Agora, Agora, Agora,

Seguiu pelo caminho, agora

Agora, Agora, Agora, Agora.

Os maridos abraçam as esposas e retém de amor.

O palco fica como uma *parel* derretida e o pastor a neve cantando:

Dor de canella

E' dor de raiz

Não ha remédio

Que a possa

Todos a entem

Com dissabor,

E' como o espinho

Do nosso amor.

Não,

O se...

Da canella.

A canellite,

Está na fama,

Que toda élit.

Está de cama.

Cae o panno e os espectadores piiosamente e as mulheres

resignadas,

com *santo* fé,

voltam á casa

tomar café.

REPORTER

No Camarim

— Está tão pallida hoje, minha senhora!

— Estou? Oh! Deus meu! Diga-me alguma coisa que me faça corar. *Tabloux!*

Photo-Jumelle

22

Aspecto— Attaché a legacion...

Profissão— Medir terras.

Divisa— Tudo pelo assovio.

M. A.